

# O teuto-brasileiro: a história de um conceito

André Fabiano Voigt\*

**Resumo:** O presente artigo pretende analisar, em linhas gerais, o teuto-brasileiro não apenas como a expressão de uma identidade cultural, mas sim como uma produção conceitual, realizada a partir da década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, sofrendo desde então uma série de deslocamentos e de interpretações, de modo a se tornar um exemplo de cidadania a ser seguido, e não mais um perigo para a unidade nacional.

**Palavras-chave:** teuto-brasileiro, história conceitual, identidades culturais

**Abstract:** The present article intends to analyse, in general lines, the German-Brazilian not as the expression of a cultural identity, but as a conceptual production, carried out from the decade of 1940, during the Second World War, suffering from that time a series of dislocations and of interpretations, on a way to affirm they are not a danger for the national unity, but an example of Brazilian citizenship to be followed.

**Keywords:** German-brazilian, conceptual history, cultural identities

Atualmente, sob a égide da democracia consensual e a partir do silenciamento das utopias, estabelece-se uma espécie de “realismo” político, que procura caracterizar todas as diferenças como se fossem pertencentes a um “mosaico”, totalmente previsível e facilmente governável. O esfacelamento das diferenças em identidades culturais, sexuais, etárias, etc, tem sido a mais nova arma de uma poderosa maquinaria de Estado, usada para excluir toda e qualquer possibilidade de compreender as diferenças fora de identidades previamente estabelecidas.

No caso das identidades culturais, há um conjunto de interpretações acadêmicas atuais que procuram esgotar na autodenominação do grupo étnico – bem como na negociação de suas fronteiras étnicas – os processos de formação e manutenção de tais identidades.

Entretanto, ignora-se que as identidades culturais possam ser elaborações conceituais *externas* ao ambiente relacional intra e inter-étnico. O *real* não pode ser reduzido ao *social*, uma vez que há um campo de *elaborações conceituais* que se faz igualmente presente na caracterização de identidades culturais.

Deste modo, estudar a construção conceitual de identidades pode abrir caminhos para pensar a formulação de consensos não como soluções simpáticas para as diferenças, mas como uma forma de *aprimorá-las*. Vejamos como isto se aplica ao estudo do teuto-brasileiro nos últimos sessenta anos no meio acadêmico nacional.<sup>1</sup>

\* \* \*

*Teuto-brasileiro* é a designação genérica que se atribui aos grupos de descendentes dos imigrantes alemães que colonizaram, a partir do século XIX, os espaços destinados pelo Governo brasileiro ou por empresários particulares para sua ocupação sistemática, sobretudo nos Estados do Sul.

A partir da reivindicação de alguns movimentos políticos de apologia da coexistência entre as cidadanias brasileira e alemã, apoiados pela Lei Delbrück de 1913 – estes movimentos atuaram diretamente no Brasil até a década de 1930 – tem se acrescentado que ser teuto-brasileiro significa, principalmente, *preservar* os laços de sangue e os traços culturais trazidos pelos imigrantes através das gerações, chegando a ser encarado como uma ameaça à unidade nacional brasileira.

Nas décadas que se seguem após as guerras mundiais e a derrota da Alemanha nazista, a denominação *teuto-brasileiro* é completamente desvinculada do ato de reivindicar a cidadania alemã entre seus descendentes, mas sim, associada à necessidade de reforçar seus traços peculiares como uma forma de contribuir para a formação atual e o desenvolvimento futuro do país. Assim, o teuto-brasileiro torna-se a designação de um grupo social com características populacionais,

\* Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor do Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: voigtandre@hotmail.com

<sup>1</sup> Este artigo trata, de modo condensado, alguns aspectos principais da tese de doutoramento defendida em 2008 pelo autor. VOIGT, André Fabiano. *A Invenção do Teuto-Brasileiro*. Florianópolis, 2008. Tese (Doutoramento em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Sobre as comemorações e festas, relacionadas à imigração alemã no Sul, podemos citar, como exemplo, o trabalho de: FLORES, Maria Bernardete R. *Oktoberfest* - Turismo, Festa e Cultura. 1. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

<sup>3</sup> A respeito das articulações de lideranças regionais e suas ações políticas de apologia à identidade alemã, brasileira e teuto-brasileira podem ser vistas nos trabalhos de: FROTSCHER, Méri. *Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*. Florianópolis, 2003. Tese (Doutoramento em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina; FERREIRA, Cristina. *Cidadania e Identidade na sociedade teuto-brasileira*: José Deeke e os embates culturais interétnicos no Vale do Itajaí. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>4</sup> Há muitas referências a respeito da nacionalização do ensino no sul do Brasil. Podem ser citados, a título de exemplificação, os trabalhos de: D'AQUINO, Ivo. *Nacionalização do ensino*: Aspectos políticos. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1942; FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público*: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano. Florianópolis: Editora da UFSC; Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina, 1991; FIORI, Neide Almeida (org.) *Etnia e educação: a escola "alemã" do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Tubarão: Ed. da UNISUL, 2003; CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas*: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. Campinas: Ed. UNICAMP, 2006.

<sup>4</sup> Acerca das relações interétnicas e as negociações da etnicidade, pode ser citada a tese de doutorado de Eunice Sueli Nodari referente ao Oeste catarinense. NODARI, Eunice Sueli. *A renegociação da etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954)*. Porto Alegre, 1999. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> O trabalho de Cristina Scheibe Wolff trata das mulheres na colônia Blumenau (SC), dentro de uma análise de gênero atrelada à experiência da imigração alemã naquela

culturais e socioeconômicas próprias em território nacional, tornando-se uma *categoria sociológica*, usada para definir um grupo perfeitamente integrado ao "mosaico cultural" brasileiro, destacado como grande contribuição à formação nacional.

Em outro momento – já em plena década de 1980 – emerge uma abordagem histórica da colonização alemã no sul do Brasil que afirma ser a formação da identidade teuto-brasileira um fenômeno naturalmente decorrente deste movimento migratório, iniciado há mais de 150 anos. Para esta geração de estudiosos, a identidade cultural teuto-brasileira seria, no mais das vezes, o espaço de compartilhamento de um certo número de características peculiares a estes grupos estabelecidos no Brasil, o qual determinaria a articulação social e política atual das localidades influenciadas diretamente pela imigração alemã. Formada no próprio contato social entre imigrantes, descendentes e outros grupos étnicos encontrados no Sul, a identidade teuto-brasileira seria o resultado de um embate pela afirmação da sua particularidade, diante da diversidade étnica e cultural do restante do Brasil. A afirmação de suas peculiaridades demonstraria, para o país como um todo, traços dignos de um exemplo a ser seguido pelo país, assolado pela "herança colonial" lusa. A ética do trabalho e da poupança, a religiosidade, a natural tendência ao associativismo, o respeito às leis e hierarquias, a valorização da iniciativa particular e familiar, o desprezo pela iniciativa pública e pelo Estado, a manutenção das tradições e do idioma, o isolamento municipal e regional, o respeito ao meio ambiente, seriam alguns destes traços culturais que caracterizariam a cultura teuto-brasileira, ainda visualizada como um contraponto positivo à presença lusa, africana e indígena na formação nacional do Brasil.

Neste momento, cabe aqui fazer algumas interrogações. Por que o teuto-brasileiro deixa de ser a identificação de uma ameaça à unidade nacional brasileira para se tornar um exemplo a ser seguido pela nação? Quais são as condições de possibilidade para que a denominação teuto-brasileiro se tornasse uma categoria analítica destas populações? Por que, ainda hoje, continua a se afirmar que foram principalmente os imigrantes alemães e seus descendentes que trouxeram desenvolvimento para a Região Sul? O que torna possível dizer que a identidade teuto-brasileira teria sido um produto dos próprios imigrantes e descendentes, nas suas relações sociais intra e intergrupais? Por que se mantém inquestionável a tese de que devam ser preservados os traços culturais alemães entre seus descendentes no Brasil, mesmo que vários destes costumes já não façam mais sentido nos dias atuais? Estas questões não podem ser respondidas através de uma narrativa histórica que confirme as razões de seu sucesso, mas sim, direcionando o olhar para o que tornou possível fazer com que estas afirmações fossem construídas, trazendo importantes reflexos para os dias atuais.

Por isso, não há como adotar uma abordagem histórica linear, factual, que procure demonstrar no encadeamento dos fatos do passado a confirmação da identidade que precisa ser mantida no presente e no futuro. Pode-se, por outro lado, utilizar uma abordagem histórica que faça um corte profundo nas afirmações consistentes, nas conclusões definitivas, nas verdades aceitas, e que mostre as estratificações de saberes, sedimentados há vários anos na escrita da história brasileira, acerca do lugar que deveria ser ocupado pelos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil.

Deste modo, o caminho escolhido para realizar o mapeamento destas estratificações de saberes é partir da própria formalização do *conceito* de teuto-brasileiro, colocando-o como foco central da problemática.

Até o presente momento, muitas pesquisas têm direcionado o foco de suas argumentações para acontecimentos que não problematizam a formalização conceitual do teuto-brasileiro, bem como suas implicações culturais e políticas: há estudos que tratam das comemorações e festas relacionadas à imigração alemã,<sup>2</sup> das relações institucionais e das ações políticas de valorização da cultura teuto-brasileira,<sup>3</sup> da nacionalização do ensino durante o Estado Novo,<sup>4</sup> das relações sociais entre etnias,<sup>5</sup> das relações de gênero,<sup>6</sup> etc. Em todos estes estudos, há o empenho na pesquisa de alguma *expressão* da identidade teuto-brasileira, mas

nenhum deles, entretanto, dedica-se à investigação dos enunciados e noções que formalizam uma unidade discursiva em torno da experiência da imigração alemã no sul do Brasil, tornando possível conceituá-la de teuto-brasileira.

Quando se estudam as comemorações e festas que valorizam a preservação da cultura teuto-brasileira nas localidades de colonização alemã, procura-se desconstruir alguns aspectos identitários presentes na própria organização das comemorações, bem como na escolha da indumentária, dos momentos históricos a serem lembrados, das referências a serem tomadas como modelo, etc., mas não se leva em consideração que há uma elaboração conceitual que direciona o olhar das lideranças culturais locais e regionais para a escolha dos elementos constituintes destas festividades.

Da mesma forma, o estudo da articulação política de lideranças locais e regionais para a implementação de ações que valorizam a peculiaridade cultural trazida pela imigração alemã não faz a observância das relações de poder que se encontram *fora* das relações políticas meramente locais e/ou regionais, e que se encontram nas *instituições produtoras de conhecimento*, que atuam de modo tão ou mais incisivo para a formalização conceitual do teuto-brasileiro, inspirando inclusive a operacionalização de ações políticas de incentivo à preservação cultural em âmbito local e regional.

Estudar isoladamente a nacionalização do ensino, que foi realizada de modo mais incisivo durante o Estado Novo, não explica porque nas décadas seguintes houve uma mudança de posição por parte das instituições governamentais e da produção acadêmica – as quais consideravam a manutenção da cultura alemã nas ex-colônias do Sul uma ameaça à identidade-homogeneidade-unidade nacional – passando a elogiar firmemente a preservação de alguns traços culturais dos imigrantes alemães e seus descendentes como uma grande contribuição para o desenvolvimento do Brasil.

A análise das relações interétnicas, bem como das relações de gênero e de classe, não problematizam as conceituações que se estabelecem *fora* do campo das relações sociais, não tornando visível o papel da produção do conhecimento acadêmico na formalização do teuto-brasileiro como um fenômeno populacional, cultural e socioeconômico de características peculiares, sempre comparadas ao Brasil miscigenado. Neste sentido, a elaboração conceitual de uma identidade é algo que, recorrentemente, passa ao largo dos estudos que investigam algum traço relacional entre grupos pensados a partir de uma identidade.

Por isso, direcionando o foco de análise novamente para as *expressões* da identidade teuto-brasileira em seus vários matizes institucionais, folclóricos, relacionais, etc., há o perigo da *aceitação tácita* da existência da cultura teuto-brasileira como um dado *a priori*, a partir do qual investigar-se-iam apenas algumas expressões desta identidade cultural, sem adentrar na análise do próprio *conceito de teuto-brasileiro* como um ponto principal para a análise de suas várias expressões.

A referência à história das ciências, tão cara aos estudos de Bachelard, Canguilhem e até mesmo Foucault, é a principal abordagem utilizada para a leitura das fontes, uma vez que não se está realizando uma busca das origens de determinada conclusão científica e de que modo ela deve ser seguida, mas procurando analisar a partir de quais rupturas e de quais retificações conceituais a denominação teuto-brasileiro passou em sessenta anos de produção acadêmica acerca da imigração alemã no Brasil.

Georges Canguilhem ressalta, no livro *Études d'histoire et de philosophie des sciences*, a relevância de dirigir um olhar à construção dos conceitos, de modo a diferir da mera narrativa factual das descobertas científicas e das biografias dos cientistas:

A história das ciências pode, sem dúvida, distinguir e admitir vários níveis de objetos no domínio teórico específico que ela constitui; documentos a catalogar; instrumentos e técnicas a descrever; métodos e questões a interpretar;

localidade. WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da colônia Blumenau*. Cotidiano e trabalho (1850-1900). São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>6</sup> CANGUILHEM, Georges. *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1994. p. 19.

conceitos a analisar e a criticar. Apenas esta última tarefa confere às precedentes a dignidade de história das ciências.<sup>7</sup>

Em artigo que escreve sobre Bachelard, no mesmo livro, enfatiza a relevância da análise conceitual na história das ciências:

Ela [a história das ciências] resguardará o historiador da falsa objetividade, que consistiria em levantar o inventário de todos os textos nos quais em uma época dada, ou em épocas diferentes, aparece a mesma palavra. [...] Uma mesma palavra não é um mesmo conceito. Ele [o historiador] deve reconstituir a síntese em que o conceito se encontra inserido, isto é, tanto o contexto conceitual quanto a intenção diretriz das experiências ou observações.<sup>8</sup>

Seguindo a mesma linha teórica, Roberto Machado, ao analisar a história das ciências de Canguilhem em seu livro *Ciência e Saber*, sustenta, da mesma forma:

Privilegiar o conceito significa valorizar a ciência como processo. Este aspecto dinâmico que caracteriza o conceito – e faz da ciência o domínio do operatório – lhe dá uma existência relativamente independente das teorias em que nasce ou das que o retomam, mas também, como veremos posteriormente, das experiências que é capaz de interpretar.<sup>9</sup>

As referências à história das ciências em Canguilhem trazem à luz a relevância de se analisarem criticamente os processos de formalização dos conceitos, de modo que se possa abordar os objetos da ciência não como algo dado e natural, mas como discursos igualmente suscetíveis às relações de poder.

Quando se trata da formação de modelos de sujeitos facilmente governáveis, lembra-se de que Félix Guattari aborda, em *Micropolítica: cartografias do desejo*, a formação de modelos de subjetividade capitalística e sua manipulação política.

Uma das formas de iniciar a formação de subjetividades, de acordo com Guattari, está na delimitação das características de sua *cultura*. O autor afirma que o conceito de cultura é uma maneira de separar as produções de sentido em esferas isoladas, padronizando-as e capitalizando-as, ao mesmo tempo em que são cortadas de suas realidades políticas.<sup>10</sup> A partir desta afirmação de Guattari, pode-se inferir que a formação de *identidades culturais* é o ponto crucial da separação das esferas da *cultura* e da *política*.

O mesmo autor defende que a “noção de ‘identidade cultural’ tem implicações políticas e micropolíticas desastrosas, pois o que lhe escapa é justamente toda a riqueza da produção semiótica de uma etnia, de um grupo social ou de uma sociedade”.<sup>11</sup> Destarte, a territorialização das produções semióticas de um grupo social em termos de identidade cultural reduzem qualquer atividade ou pensamento a uma questão meramente “étnica” ou “regional” ou mesmo “cultural”, descaracterizando qualquer possibilidade de *atuação política* destes grupos considerados mediante uma identidade cultural.

Além de Guattari, Jacques Rancière trata, em seu livro *O desentendimento*, dos problemas de se ver as diferenças sociais apenas como uma questão de reconhecimento de identidades culturais, conforme segue:

[...] a política existe ali onde a contagem das parcelas e das partes da sociedade é perturbada pela inscrição de uma parcela dos sem-parcela. [...] A política deixa de existir ali onde não tem mais lugar essa distância, onde o todo da comunidade é reduzido sem resto à soma de suas partes. [...] Pode ser feita de comunidades, cada uma provida do reconhecimento de sua identidade e de sua cultura. O Estado consensual é quanto a isso tolerante. O que ele não tolera mais, por outro lado, é a parte excedente, a que falseia a contagem da comunidade.<sup>12</sup>

<sup>7</sup> Ibid., p. 177.

<sup>8</sup> MACHADO, Roberto. Primeira Parte: A História Epistemológica de Georges Canguilhem. In: \_\_\_\_\_. *Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1981. p. 24.

<sup>9</sup> GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005. p.21.

<sup>10</sup> Ibid., p. 87.

<sup>11</sup> RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento*. São Paulo: Ed. 34, 1996. P. 123.

<sup>12</sup> Foucault trata da noção de *saber* em seu livro: FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2004. p. 199-219.

Desta maneira, o mero reconhecimento de identidades culturais pode ser um modo de *bloquear* a política – esta baseada no dissenso e na igualdade do uso da palavra dotada de sentido – suprimindo-a em um Estado consensual. O consenso, considerado como base da democracia contemporânea, pretende limitar a esfera do político a uma concepção do todo social igual à soma de suas partes, dando a ilusão de que ninguém deixe de ser atendido. Os discursos atuais da *etnicidade*, enunciados por diversos autores que estudam as populações “teuto-brasileiras”, dão margem à idéia de que o reconhecimento de sua identidade étnica seria a realização última de sua existência política, uma vez que estaria então incluída ao todo social, independentemente de haver aparentes negociações e renegociações identitárias ou de existir uma certa mobilidade de suas fronteiras étnicas.

A partir da inspiração dada por estes autores, podem-se delinear, portanto, duas questões que se sobrepõem quanto à formalização do conceito de teuto-brasileiro, na sua relação entre a *cultura* e a *política*: a primeira, que o teuto-brasileiro tem, como uma das condições de possibilidade, a separação radical da experiência política do nacional-socialismo alemão da esfera de produção cultural dos teuto-brasileiros, alargando o interstício aberto entre a cultura e a política; a segunda, marcada pelo modo como, neste caso, a cultura é usada como maneira de fazer política, suprimindo-a em um Estado democrático consensual, onde todas as possíveis identidades são reconhecidas e são incentivadas à preservação de suas características, porém, sem o reconhecimento de suas capacidades políticas.

Destarte, não se pretende traçar uma linha histórica que levaria à origem do conceito de teuto-brasileiro, afirmando, assim, sua positividade científica e sua validade de aplicação em vários setores do conhecimento e da vida social. De outro modo, pretende-se investigar, nos próprios discursos, quais foram as decisões tomadas, os caminhos trilhados, as incoerências, as aproximações e distinções realizadas, as quais institucionalizaram um saber que cria o conceito de teuto-brasileiro, introduzindo-o posteriormente em diversas práticas discursivas e até mesmo não-discursivas. Portanto, não se trata de reforçar sua objetividade e imparcialidade como conceito, mas sim, de colocá-lo em questão, como uma “prática entre outras práticas”, nas palavras de Foucault, ou seja: não tomá-lo como algo *a priori*.

Faz-se necessário frisar, entretanto, que esta pesquisa não pretende realizar uma *arqueologia* do conceito de teuto-brasileiro – cuja inspiração nos trabalhos de Foucault poderia levar a concluir pela escolha desta proposta – mas sim, escrever uma *história* do conceito de teuto-brasileiro, visto que não está se tratando da formalização de um *saber*,<sup>13</sup> mas apenas de um *objeto* do saber. Isto não impede, por outro lado, que se possam utilizar noções consagradas pelas análises foucaultianas (como as noções de enunciado, discurso, formalização, nexos poder-saber, etc.) como ferramentas para mapear os elementos que gravitam em torno do conceito de teuto-brasileiro e o instituem no debate acadêmico nacional.

\* \* \*

Como foi afirmado anteriormente, há três momentos distintos em que se podem notar deslocamentos discursivos e retificações conceituais acerca da denominação teuto-brasileiro: nas décadas de 1940, 1960 e 1980.

Inicialmente centrados no problema político da *inclusão* de imigrantes alemães e descendentes dentro de uma homogeneidade-unidade-identidade nacional brasileira, à época da Segunda Guerra Mundial, um conjunto de pesquisadores acionados pelos órgãos governamentais nacionais – Emílio Willems,<sup>14</sup> Artur Hehl Neiva,<sup>15</sup> Carlos Henrique Oberacker Júnior,<sup>16</sup> Jean Roche,<sup>17</sup> Leo Waibel,<sup>18</sup> Egon Schaden<sup>19</sup> – fazem uma delimitação das características mais marcantes destas populações, concluindo que a hifenização de sua identidade seria a solução possível para sua inclusão ao “mosaico cultural” do país. Esta hifenização só é possível mediante uma concessão feita à tese da filiação lusa da cultura brasileira. A tese da herança lusitana da cultura nacional, defendida, sobretudo, pela “geração de 1930”

<sup>13</sup> WILLEMS, Emílio. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1940; Id., *A Aculturação dos Alemães no Brasil*: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2a. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

<sup>14</sup> NEIVA, Artur Hehl. A imigração e a colonização no governo Vargas. *Cultura Política*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 217-240, nov. 1942; Id., O Problema Imigratório Brasileiro. *Revista de Imigração e Colonização*, Rio de Janeiro, ano V, n. 3, p. 468-584, 1944.

<sup>15</sup> OBERACKER JR., Carlos H. A *Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira*. São Paulo: Prentice-Hall, 1968.

<sup>16</sup> ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.

<sup>17</sup> WAIBEL, Leo. *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

<sup>18</sup> SCHADEN, Egon. Der Deutschbrasilianer – ein Problem. *Staden-Jahrbuch*, São Paulo, Band 2, p. 175-194, 1954; Id., *Aculturação de alemães e japoneses no Brasil*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol.4, n.1, 1956.

<sup>19</sup> FREYRE, Gilberto. Discurso inaugural. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, 1., 1963, Porto Alegre. *Anais do...* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1966. p. 17-20.

– Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior – faz com que surjam as primeiras tensões entre estes dois grupos de pesquisadores. O diagnóstico de seus aspectos populacionais, culturais e socioeconômicos, realizado por estudiosos acerca do tema a partir da década de 1940 no país, faz com que se inscreva um conjunto de enunciados que delimitam o teuto-brasileiro como um novo fenômeno populacional (o embranquecimento da população do Sul a partir da imigração alemã, caracterizando a invenção de uma região), uma cultura própria (a “cultura teuto-brasileira” como categoria etnológica designativa destas populações) e uma nova classe social (o teuto-brasileiro como formador da classe média) em território nacional, desinvestindo na associação entre alemães no Brasil e nacional-socialismo, o qual representava um perigo à manutenção da unidade e identidade nacional brasileiras à época das guerras mundiais.

Em um segundo momento, na década de 1960, coincidem a instauração de uma ditadura militar no Brasil e o reconhecimento da centralidade do conceito de *desenvolvimento* para os órgãos governamentais internacionais como modelo de governança, sobretudo dos países do Terceiro Mundo. Neste ínterim, há a possibilidade de definição do teuto-brasileiro como exemplo de produtividade, eficiência e desenvolvimento no Sul. Os três Colóquios de Estudos Teuto-Brasileiros, realizados entre as décadas de 1960 e 70, são os eventos que trarão visibilidade e reconhecimento acadêmico ao teuto-brasileiro, antes tratado como símbolo de uma ameaça à unidade nacional. Deste modo, ao invés de reafirmar a condição de ameaça, atribui-se sua pujança socioeconômica a sua particularidade étnica, o que vem a reforçar a idéia de se defender a preservação de suas características culturais como um bem inquebrantável a ser admirado e defendido pelos entusiastas da nacionalidade brasileira. O teuto-brasileiro torna-se, então, um exemplo a ser seguido pelo restante do país, assolado pela “herança” lusitana. Mas, desta vez, contará com a opinião convergente dos “intérpretes do Brasil” – principalmente Gilberto Freyre<sup>20</sup> – embora conservando a centralidade da herança lusa da cultura nacional. Ao mesmo tempo em que se opera uma filtragem na elaboração discursiva deste conceito – selecionando os enunciados possíveis e removendo aquilo que não pode ser dito – organizam-se eventos que dão publicidade ao teuto-brasileiro como objeto de estudo perfeitamente integrado ao conjunto de temas obrigatórios para a escrita da história brasileira. Além da presença atuante dos autores que se dedicaram ao assunto desde a década de 1940, há estudiosos que trarão outros aspectos da mesma temática – como José Fernandes Carneiro,<sup>21</sup> Arpad Szilvassy,<sup>22</sup> Manfredo Berger,<sup>23</sup> Gerd Kohlhepp,<sup>24</sup> etc. Gilberto Freyre, antes um crítico da “cultura teuto-brasileira”, será um dos principais personagens destes colóquios, ao dar uma opinião positiva acerca da importância teuta para a constituição cultural do Brasil, respeitada a “transregionalidade” da cultura lusa no país.

Já na década de 1980, a *diversidade cultural* e o respeito às minorias étnicas tornam-se o foco de uma série de trabalhos acadêmicos ao final da ditadura militar, produzidos por uma geração de estudiosos que trouxe novos modelos teórico-metodológicos da Europa e Estados Unidos para debater esta questão. Neste momento, a identidade teuto-brasileira – antes vista como exemplo de ética do trabalho e de desenvolvimento para a nação – passa por novos deslocamentos discursivos, de modo que permita aos pesquisadores da área de imigração alemã no sul do Brasil afirmar, peremptoriamente, que o teuto-brasileiro continua a ser uma tipologia válida para a análise destas populações. A identidade teuta, agora analisada como um *produto dos próprios atores sociais*, com tendências naturalizadas para o associativismo, para a ética do trabalho e para o respeito às hierarquias, deve ser tratada com o respeito em que são consideradas todas as identidades culturais no Brasil, formando o simpático “mosaico” das diferenças no país. Pode-se afirmar que há, neste momento, a fixação discursiva de uma *permanência* da identidade teuto-brasileira após as campanhas de nacionalização da era Vargas, estendida para os dias atuais. Seja na caracterização de sua *etnicidade*, conforme os estudos de Giralda Seyferth<sup>25</sup> a respeito da formação de uma ideologia étnica teuto-brasileira no Vale do Itajaí a partir do século XIX, seja na sua relação com a

<sup>20</sup> CARNEIRO, José Fernandes. Conferência na seção de instalação. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, 1., 1963, Porto Alegre. *Anais do...* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1966. p. 21-38.

<sup>21</sup> SZILVASSY, Arpad. Participação dos alemães e seus descendentes na vida política brasileira. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, 1., 1963, Porto Alegre. *Anais do...* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1966. p. 247-261.

<sup>22</sup> BERGER, Manfredo. A função da Igreja no processo de aculturação dos teuto-brasileiros. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, 2., 1968, Recife. *Anais do...* Recife: Ed. UFPE, 1974. p. 519-536.

<sup>23</sup> KOHLHEPP, Gerd. Contribuição da população teuto-brasileira ao processo de colonização e ao desenvolvimento econômico do Brasil Meridional. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, 3., 1974, Porto Alegre. *Anais do...* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1980. p. 63-76.

<sup>24</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: FCC, 1982.

<sup>25</sup> DREHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

*religiosidade cristã*, de acordo com as pesquisas de Martin Dreher<sup>26</sup> sobre as populações de descendentes de alemães de religião evangélico-luterana e as de Lúcio Kreutz<sup>27</sup> acerca das populações de religião católica, ou ainda no seu *comportamento socioeconômico*, como na tese de doutorado de Maria Luiza Renaux Hering<sup>28</sup> sobre o “modelo catarinense de desenvolvimento”, o teuto-brasileiro é reinscrito como categoria válida para a análise dos descendentes de alemães nascidos no Brasil, configurando a sua *atualidade* como identidade cultural, desde que seja incentivada a preservação *ad infinitum* de suas características. Neste momento, o empenho desta geração de autores em enfatizar a reafirmação da validade da cultura teuto-brasileira é um exemplo de uso da *cultura* – formalizada em identidades – como modo de fazer *política*, suprimindo-a em uma democracia consensual. Assim, será possível dispor as várias identidades em forma de um simpático e inofensivo “mosaico cultural” no Brasil.

\* \* \*

Faz-se necessário colocar algumas considerações à guisa de conclusão. Afirmar que a “contribuição” de imigrantes alemães e descendentes ao Brasil reside na conservação de todos os elementos de sua cultura pertence ao mesmo tipo de discursos que reduzem a contribuição indígena ao banho diário e a contribuição africana à cozinha. A começar pelo próprio termo “contribuição”. Há uma diferença sensível entre o ato de *contribuir* e o de *participar* ativamente. Se o teuto-brasileiro apenas contribui, nunca participará ativamente. Seguindo a mesma lógica, não se pode afirmar que, se o teuto-brasileiro não participa, é em virtude de discriminação, rejeição, ou qualquer outro argumento de denúncia. Pelo contrário, há segmentos entre as populações denominadas de teuto-brasileiras que preferem *aceitar* o cômodo papel de vítimas, que uma interpretação muito peculiar do seu passado lhes atribui incessantemente. Concomitantemente, a preservação da cultura será o mecanismo político de acomodação destas populações em um consenso definitivo, igualando seu passado ao presente e ao futuro, fazendo da sua história a eterna confirmação de sua identidade.

Em último lugar, pretende-se fazer aqui uma observação indispensável para realçar a relevância acadêmica deste tema. Ao contrário do que se afirma, a *universidade* esteve e está presente na formulação conceitual de diversas identidades, não podendo ser atribuída como responsabilidade única dos outros órgãos governamentais. Há que se pensar se a universidade pretende, no futuro, produzir conhecimentos novos ou apenas reproduzir preconceitos. A continuidade do racismo nos mecanismos de governança é uma presença clara na atualidade, cuja participação da produção acadêmica, infelizmente, não pode ser ignorada. Mas pode ser mudada.

*Artigo recebido em 29/07/2008 e aprovado em 12/12/2008.*

<sup>26</sup> KREUTZ, Lúcio. *O Professor Paroquial*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Caxias do Sul: Ed. da UCS, 1991.

<sup>27</sup> HERING, Maria L. R. *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Ed. FURB, 1987.